



Nada sei desta pintora, de que apenas conheço 7 más fotocópias a preto e branco. Não possuo sequer nota biográfica. Nestas condições, pareceu-me de certa forma apaixonante aceitar o desafio. Todos os dias nos encontramos com alguém no acaso da cidade, com quem trocamos algumas palavras, condicionadas pela maior ou menor simpatia, ou simples curiosidade que nos provoca. Este parece-me um bom princípio, não falando evidentemente eu a linguagem do crítico ou do ensaísta, mas tendo a percepção de que “A ARTE” não é, hoje, exclusiva do “artista”, ou que ela é de quem tiver à mão um papel e um lápis. A ideia de “artista” parece-me já nada ter a ver com o tempo que atravessamos. O que vejo nestes trabalhos de Joanna Concejo, e me dá prazer é a perfeição técnica, a força expressiva das figurações, sensíveis, imaginosas, enternecedoras, mas para além disso, a força da história que cada uma destas figurações sugere. Evidente me parece, figurativo que sou, que as mesmas emoções nos podem ser transmitidas pela abstracção. Nada é simples. Histórias magníficas contava-as o “povo” ainda há alguns anos. E os senhores romancistas empenhavam-se em aprofundar os minutos do dia-a-dia. Estes trabalhos (desenhos ou aguarelas?), são tocados pela graça da ternura, e muito ilustrativos; mas não vejo que lhe seja necessária designação de “Arte”. Referindo-me a mim próprio, sempre me designei como UM HOMEM QUE PINTA, não como um “artista”. O título de “artista” não tem para mim qualquer sentido; toda a gente tem o direito a fazer desenhos ou pinturas, ou traços na poeira do chão, algo, tão cheio de sentido como as obras mostradas nos museus. É o facto de tentar exprimir o que tem sentido, e é dentro deste sentido que aprecio estes trabalhos que tão claramente se exprimem. Aquilo que se designa como “arte” está fechado nos museus; são os traços de uma criança lá nos fins do mundo o que mais me emociona. E crianças somos, eu com os meus 88 anos, você por certo com a sua juventude, perfazemos o futuro, que certamente pouco terá a ver com o passado de há apenas uns 50 anos! A possibilidade de desenhar e pintar foi dada ao ser humano, e assim estes seus trabalhos provocam certamente semelhantes emoções, aqui ou na Abissínia. Felicito-a, perguntando onde está o Lewis Carroll de hoje...